

humanitas

Vol. LVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVIII • MMVI



coito. A violência associada ao sexo não é pois algo admissível entre homens, a não ser que um deles seja escravo.

Cumpra perguntar, em jeito de conclusão, até que ponto constituem as representações analisadas ao longo do livro o retrato do quotidiano antigo. A esta questão, responde a autora de forma meritória: os gregos e romanos acompanharam toda a arte erótica ou mesmo obscena com o riso. Isto porque “entenderam que o erotismo, como o humor, são produtos exclusivos da mente humana.” (p. 130).

Cármen Sánchez, como este seu *livrinho*, prestou sem dúvida um auxílio inestimável aos estudiosos da arte e da literatura antigas de índole erótica, procurando desmistificar a imagem de pura devassidão que muitos insistem em manter em relação ao mundo greco-romano. Num livro de leitura agradável – e bastante agradável à vista, onde faltam apenas a cor e um índice remissivo de autores antigos e de ilustrações, é enfim possível aprofundar conhecimentos, suscitar questões e contrariar falsidades que até então tínhamos como certas.

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

SOARES, Nair de Nazaré Castro: *Teatro Clássico no século XVI. A Castro de António Ferreira. Fontes – Originalidade* (Coimbra, Livraria Almedina, 1996) 252 p. ISBN 97-2400-917-3.

Resultado da investigação da autora ao longo de cerca de duas décadas, este livro integra estudos inéditos e estudos refundidos, que nem por isso são desprovidos de unidade. Têm em comum o estudo da especificidade do género trágico no século XVI e têm de singularíssimo, no seu conjunto, o facto de a autora dominar tão bem as fontes portuguesas como as fontes neolatinas.

Efectivamente, duas tragédias constituem o *corpus* essencial deste conjunto de estudos sobre teatro clássico em Portugal no século XVI: a *Ioannes Princeps* de Diogo de Teive e a *Castro* de António Ferreira, duas obras-primas da literatura dramática quinhentista, ambas de temática histórica nacional. Por isso, a abrir o volume, temos um estudo sobre a “*Tragédia do Príncipe João* de Diogo de Teive e a concepção da *Castro* de António Ferreira”, em que a autora nos aproxima da dinâmica de intertextualidade que se verifica entre aquelas duas peças. O intercâmbio cultural existente entre os colégios universitários europeus e o ambiente académico de Coimbra ganhava assim um papel de relevo nas origens e evolução da nossa arte dramática. Nair Castro Soares sustenta, portanto, a tese de que a

Ioannes Princeps (de cuja primeira tradução moderna é também autora) é uma das fontes da *Castro*, visível desde logo na temática colhida na história nacional, mas também nos cânones estéticos subjacentes.

Dir-se-ia que, neste livro, a questão da intertextualidade vai crescendo em espiral de profundidade até ao estudo que ocupa as pp. 49-86. É aqui que a autora analisa as fontes, nos seus aspectos ideológicos, temáticos e estruturais, privilegiando noções como o conceito de realeza, a figura do «leal-servidor» e da aia, o motivo do sonho, o tema do amor nas suas diversas expressões poéticas, bem como um número alargado de correspondências várias entre as duas tragédias em língua portuguesa e neolatina.

Esta primeira parte da obra, perspectivada sobre a tragédia neolatina de Diogo de Teive (*Ioannes Princeps*) ficaria incompleta sem o estudo de uma outra intertextualidade – o teatro de Séneca – patente nas concepções dramáticas pressupostas, na linguagem sublime e empolada, na variedade de sentenças retóricas, na profundidade de análise psicológica (pp.31-48).

Na segunda parte da obra, a autora oferece-nos um contributo inovador de grande relevância para a história literária nacional, relacionado com a questão da originalidade de António Ferreira. No século XVIII, razões nascidas do nacionalismo galego pretenderam sustentar a anterioridade de *Nise lastimosa* de Fr. Jerónimo Bermúdez, publicada em 1577 (dez anos antes da edição *princeps* da *Castro*), quando diversos autores indicam 1556-1557 (altura em que Ferreira partiu de Coimbra) como a data precisa da composição da tragédia portuguesa. A questão da autenticidade reacendeu-se em 1975, quando Roger Bismut, professor na Universidade Católica de Lovaina, aduziu novos argumentos contra a originalidade de Ferreira e defendeu a ideia de que a *Castro* seria uma imitação de *Nise lastimosa*.

Os capítulos seguintes da obra de Nair Castro Soares consistem pois em invalidar, com grande finura de análise literária e a partir dos mais rigorosos métodos exegéticos, toda a argumentação de Roger Bismut. Para isso, a autora procede a uma análise pormenorizada da tragédia *Castro* nas suas duas edições (pp. 87-164), à luz das fontes clássicas e neolatinas – análise indispensável para a avaliação da obra segundo os preceitos estéticos da tragédia antiga. Se a edição de 1578 mostra um texto mais próximo das concepções senequianas e da própria tragédia de Teive, a edição de 1598 busca a perfeição dramática numa reaproximação aos modelos gregos que as edições aldinas divulgavam.

Este é, sem dúvida, uma dos contributos mais originais da autora para o estudo do nosso património artístico-literário, nomeadamente daquela que é a obra-prima da tragédia portuguesa.

Os capítulos finais desenvolvem a análise da *Castro* à luz do pensamento teórico da dramaturgia quinhentista, matéria que a autora prova dominar com rigor e profundidade, e têm a qualidade singular de, com o exame atento das

fontes portuguesas e neolatinas, nos dar uma sólida visão de conjunto da produção trágica em Portugal no período áureo da nossa literatura.

Trata-se, portanto, de uma obra essencial, altamente recomendável para todos quantos se interessam pela produção humanística em Portugal, de modo especial a história do teatro português.

MARGARIDA MIRANDA

WATTEL, Odile: *As Religiões Grega e Romana* (Trad. J. Espadeiro Martins), Coleção Saber, nº 244, Publicações Europa-América, Mem Martins, 2003, 143 páginas, ilustrado.

Aos numerosos contributos para a divulgação da Antiguidade Clássica, iniciados há muitos anos com a publicação do livro de Léon Bloch intitulado *As Lutas Sociais na Roma Antiga*, juntou recentemente a Coleção Saber um volume sobre o tema sempre fascinante e inesgotável da religião na Grécia e em Roma. Como todas as obras inseridas nesta coleção, trata-se de um livro de reduzidas dimensões, no qual a autora procura oferecer uma síntese coerente das religiões grega e romana, tarefa difícil de conduzir a bom termo em cerca de uma centena e meia de páginas, mesmo para os melhores especialistas da matéria. A intenção pedagógica de Odile Wattel é evidente, quer na forma como a temática está organizada, quer no sua exposição, o que reflecte as necessidades do público específico para o qual a obra foi redigida em França, maioritariamente constituído por alunos universitários e candidatos ao professorado no Ensino Secundário.

A apresentação é agradável, embora as ilustrações não possam considerar-se de boa qualidade, circunstância que começa a tornar-se vulgar, mesmo em publicações com outras pretensões e preço. A capa mostra dois pormenores de pinturas de tema clássico, à esquerda a *Coroação de Homero*, de Jean-Dominique Ingres, e à direita, *Primavera*, do menos conhecido Lawrence Alma Tadema. O título original indica qual a ideia que a autora considera fundamental neste estudo, pois alude às religiões gregas e romanas, considerando um pluralismo que se perdeu na tradução portuguesa do título. Este aspecto é importante e vamos encontrá-lo permanentemente subjacente na análise que se desenvolve ao longo da obra, pois se exclui o princípio de que houve uma religião grega e uma religião romana, mas sim várias. Esta hipótese de trabalho, defensável a partir de determinada perspectiva, parece-me muito difícil de explicar numa obra desta dimensão, podendo levar a conclusões demasiado simplistas de alguma coisa tão complexa como é o fenómeno religioso em culturas não monoteístas. Pela mesma